

Público escolar e museus: relação entre capital cultural e frequência a museus por alunos do ensino médio de Belo Horizonte, Minas Gerais¹.

Elizabeth Castro Moreno²

Diógenes Vaz de Melo Oliveira³

Eliane Cristina de Freitas Rocha⁴

Resumo: *Com o objetivo de avaliar a importância do capital cultural na frequência a museus, foi realizado um levantamento entre alunos do 1º ano do ensino médio de duas escolas de Belo Horizonte. A coleta de dados foi realizada em duas etapas: questionário autoaplicável e entrevista face a face. Para estimar a força da associação do capital cultural com o hábito de ser visitante de museus foi desenvolvido um modelo explicativo que avaliou o tipo de escola (pública ou particular), as características demográficas dos alunos e indicadores de capital cultural. Utilizando a regressão logística multivariada, observou-se que a chance do estudante ter visitado museu no ano da pesquisa foi cinco vezes maior entre aqueles que já foram ao teatro, e cerca de três vezes maior entre aqueles com hábito de leitura ou experiência de visita a museus em companhia da família. A investigação qualitativa mostrou que (1) o interesse por museus está associado às experiências de visita em família; (2) há diferenças entre a visita com a escola e com a família; (3) o museu é prioritariamente tido como espaço de aprendizagem; (4) independentemente do capital cultural, a experiência de visita significativa em museus é aquela que desperta interesse e entusiasmo.*

Palavras-Chave: *Museu. Estudo de público. Público de museu. Público potencial. Capital cultural*

School audience and museum: relating cultural capital and museum attendance among high school students in Belo Horizonte, Brazil

Abstract: *With the objective of evaluating the importance of cultural capital in attending museums, a survey was carried out among first-year students at two high schools in Belo Horizonte, the capital of the state of Minas Gerais, Brazil. A two-step study was performed using a self-administered questionnaire and a face to face interview. To estimate the strength of the association of their cultural capital with the habit of being museum visitors, an explanatory model was developed, which evaluated the school type (public or private), demographic characteristics of the students and some indicators of cultural capital. A*

¹ Prática investigativa realizada no âmbito da disciplina “Usuários da Informação” do curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Pesquisadora em Ciências, aluna do curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: elizabethmoreno@ufmg.br

³ Ex-aluno do Curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: diogenesvazmelo@gmail.com

⁴ Professora da Escola de Ciência da Informação, Doutora em Ciência da Informação. Contato: elianecfr@eci.ufmg.br

multivariate logistic regression was undertaken showing that those who reported having gone to plays were five times more likely to have visited museums in the survey year. Moreover, the participants who reported habits of reading and those who have experimented visiting museums with their family were three times more likely to visit museums. The qualitative research showed that (1) the interest of visiting museums is associated with family visiting experiences; (2) there are differences between visiting museums with family and with schools; (3) the museum is mainly seen as a learning space; (4) regardless of cultural capital, the meaningful visiting experience is thrilling and promotes enthusiastic responses.

Key Words: *Museu. Audience studies. Potential public. Museums' audience. Cultural capital*

1- INTRODUÇÃO

A formação de hábitos culturais, incluindo o de visita a museus, é geralmente pensada como um reflexo da educação formal. A hipótese principal da pesquisa, entretanto, tendo como referência o quadro conceitual traçado por Bourdieu e Darbel (1969) é que a família desempenha um papel importante na formação do indivíduo e que o comportamento ou motivação dos estudantes para visitar museus é adquirido a partir de experiências positivas de contato com atividades culturais. Investigando o público dos museus de arte na Europa, os autores concluíram que as diferenças no hábito de visitar museus devem-se ao capital cultural do indivíduo e não somente ao seu capital econômico ou social. O conceito de capital cultural, de maneira mais ampla e geral, relaciona-se com a capacidade de relação com manifestações culturais diversas, inclusive as associadas à alta cultura ou a práticas culturais cotidianas. Ele se manifesta de três formas: capital incorporado, objetivado e institucionalizado. Nas relações educativas institucionalizadas, o capital incorporado seria a interiorização do processo ensino-aprendizagem, sendo parte integrante da pessoa e que, portanto, demanda tempo e investimento, não podendo ser interpretado apenas como uma aptidão ou habilidade inata para os estudos. É a apropriação do conhecimento, que ocorre desde a mais tenra idade. O capital objetivado é material, transferível a partir de um suporte físico (livros, dicionários, esculturas, pinturas, gravuras). O capital institucionalizado refere-se ao reconhecimento institucionalizado pela obtenção de títulos como os certificados escolares (BOURDIEU, 1979, p.71-79).

O presente estudo investigou a frequência e predisposição para visitar museus em alunos do 1º ano do ensino médio de duas escolas de Belo Horizonte, uma pública e uma particular com os objetivos de (1) comparar os alunos das duas escolas em relação às características sócio-demográficas e alguns indicadores de capital cultural; (2) comparar alunos que

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.7, n.2, dez. 2017.

visitaram museus no ano da pesquisa com aqueles que não visitaram e (3) avaliar a chance de alunos do ensino médio serem visitantes de museu de acordo com suas características pessoais e capital cultural.

As principais perguntas do estudo foram: alunos do ensino médio de uma escola pública estadual de periferia teriam as mesmas atitudes e motivação para frequentar museus que alunos de uma escola particular? Qual é a chance do aluno de 1º. ano do ensino médio ser visitante de museus? De que forma o capital cultural do estudante estaria associado à sua chance de ser visitante real de museus?

Justifica-se a realização deste estudo pela importância de se contextualizar a obra deste importante pensador francês na realidade brasileira e contribuir para reflexões acerca da democratização cultural. O estudo foi realizado por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, detalhada nas seções subsequentes deste artigo.

2- O estudo quantitativo

O estudo foi desenvolvido em duas escolas selecionadas na região norte de Belo Horizonte. A escola particular atende alunos de classe média que ingressam através de processo seletivo e a escola pública recebe um público mais diversificado economicamente, residente em bairros da periferia do município, vizinhos à escola.

2.1 Cálculo da amostra

O cálculo do número de participantes, realizado utilizando-se o programa OpenEpi™, Versão 3.01, foi baseado nos seguintes parâmetros: (1) número de alunos regularmente matriculados no 1º Ano do ensino médio de cada escola; (2) margem de erro aceitável (5%); (3) intervalo de confiança para a estimativa (95%); e (4) estimativa do número de estudantes que frequentam museus no Brasil. Segundo a literatura consultada, a frequência a museus varia de 4% para a população geral (IBGE 2009) a 13%, para pessoas com ensino médio incompleto (IBRAM 2012). Optou-se por trabalhar com uma expectativa média de 8.5%, sendo necessária uma amostra de 95 participantes. Devido à possibilidade de desistências durante o decorrer da pesquisa, foi proposto um aumento de 5%, sendo programado uma amostra total de 104 participantes.

2.2 Seleção dos participantes

A amostra foi estratificada e proporcional ao número de alunos de cada escola⁵: a Escola Particular participou com 18% da amostra (n= 19 alunos) e a Escola Estadual com 82% da amostra (n = 85 alunos), totalizando 104 participantes. Por facilidades operacionais, foi realizado o sorteio das turmas, sendo a participação dos alunos condicionada à sua disponibilidade durante as atividades em sala de aula. O procedimento foi realizado até se completar o número de alunos necessário para o estudo. Os pais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação dos filhos.⁶

As escolas escolhidas representam a estrutura das escolas públicas estaduais e particulares da região Norte de Belo Horizonte, em número de estudantes, estrutura e recursos. O processo amostral e as características dessas escolas asseguram a validade externa do estudo para escolas da região.

2.3 Instrumentos e variáveis avaliadas

Foi utilizado um questionário autoaplicável elaborado no aplicativo GoogleForms™, preenchido no laboratório de informática da escola particular e, na escola pública, na biblioteca ou nos celulares dos alunos ou dos pesquisadores.

As variáveis explanatórias avaliadas no questionário foram as características demográficas dos alunos: sexo, idade, cor da pele e local de nascimento e alguns indicadores indiretos de capital cultural herdado (atividades no tempo livre, frequência de visita a museus, teatros e cinemas, interesse por esses espaços, hábitos culturais herdados da família, tipo de museus já visitados, habilidade para reconhecer algumas obras de arte e artistas); objetivado (presença de objetos decorativos e livros na casa); e institucionalizado (desempenho escolar avaliado pelo número de reprovações escolares e participação em atividades extraclasse). As variáveis resposta utilizadas foram “tipo de escola” (particular ou pública) e “visitou algum museu em 2016” (sim/não).

2.4 Plano de análise do estudo quantitativo

⁵ Escola Estadual: 10 turmas de 37 alunos; Escola Particular: 3 turmas de 27 alunos.

⁶ De acordo com a resolução 510-2016 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/CNS), que estabelece que as pesquisas de opinião, exploratórias, e/ou desenvolvidas com propósitos de ensino e treinamento em atividades de graduação não são objeto de análise pelo sistema CEP-CONEP, a pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética institucional. Para atender esta mesma norma, o estudo preserva o anonimato dos participantes e das escolas envolvidas em ambas as etapas – quantitativa e qualitativa.

Os dados coletados foram exportados para uma planilha do GoogleDocs™, sendo renomeados e codificados, e posteriormente, exportados para o programa Stata™ v. 13.0, para análise.

Após avaliação das frequências de todas as variáveis, foram realizadas comparações⁷ entre as escolas e entre visitantes e não visitantes de museu em 2016, para todas as variáveis investigadas considerando o nível de significância $\leq 0,05$ e intervalo de confiança de 95% para as estimativas⁸ (Vieira, 2011).

Foi realizada a regressão logística simples para cada uma das variáveis investigadas, para avaliar a chance de alunos serem visitantes de museu de acordo com suas características. Esta estimativa foi dada pela razão de chances (*odds ratio*)⁹.

Posteriormente, todas as variáveis significativas na análise univariada foram incluídas no modelo multivariado utilizando a regressão logística múltipla¹⁰, onde foram calculadas estimativas de *odds ratio* ajustadas pelas demais variáveis (Hosmer, e Lemeshow, 2013). Os resultados são expressos em chance de ter visitado museu em 2016 considerando determinada característica do aluno, independente dos demais fatores.

2.5 Resultados do estudo quantitativo

2.5.1 Descrição dos participantes

As características demográficas dos alunos estão apresentadas na Tabela 1. O sexo feminino predominou entre os participantes. A idade variou de 15 a 18 anos, sendo significativamente maior na escola pública. A maioria dos participantes declarou ter pele de cor morena, sendo a proporção de alunos que se autodeclarou de cor morena ou preta foi significativamente maior

⁷ Análise univariada utilizando o teste do Qui quadrado, Teste exato de Fisher e Teste *t*.

⁸ $p \leq 5\%$: aceita-se com uma probabilidade de 95% que a diferença estatística observada entre os grupos não é devida ao acaso. Intervalo de confiança: estima a confiabilidade das estimativas.

⁹
$$\text{Odds ratio} = \frac{\text{chance de ter visitado museu entre aqueles COM determinada característica}}{\text{chance de ter visitado museu entre aqueles SEM determinada característica}}, \text{ onde a}$$

“chance” é dada por:
$$\frac{\text{número de alunos que visitaram museu em 2016}}{\text{número de alunos que NÃO visitaram museu em 2016}}$$

¹⁰ Modelo preditor de uma resposta binária (ex. ser visitante de museu (sim/não), a partir de uma série de variáveis explicativas (tipo de escola, gênero, idade e variáveis relacionadas ao capital cultural).

na Escola Pública. A maioria declarou ser natural de Belo Horizonte, não havendo diferença em relação às escolas.

Tabela 1. Caracterização demográfica dos participantes do estudo e comparação entre as escolas.

Característica	N ° (%) (n=104)	Escola Particular (n=25)	Escola Pública (n=79)	Valor de P
Sexo				
Masculino	45 (43,7)	9 (36,0)	36 (46,1)	
Feminino	58 (56,3)	16 (64,0)	42 (53,8)	0,373
Idade				
Min-Max	15-18	15-16	15-18	
Média ± DP	15,7 ± 0,7	15,3 ± 0,5	15,9 ± 0,8	
Mediana (1º/3º Quartis)	16 (15/16)	15 (15/16)	16 (15/16)	0,0008
Cor da pele				
Branca	30 (30,9)	16 (66,7)	14 (19,2)	
Morena	57 (58,8)	6 (25,0)	51 (69,8)	
Preta	10 (10,3)	2 (8,3)	8 (11,0)	<0,0001

Naturalidade

Belo Horizonte	88 (88,9)	23 (92,0)	65 (87,8)	
Outra cidade de Minas Gerais	11 (11,1)	8 (2,0)	9 (12,2)	0,725

2.5.2 Visitantes de Museus e Não público

A frequência de relato de visita a museus foi muito alta: 95 dos 104 entrevistados relataram já ter visitado museus alguma vez na vida (91,3%, IC 95% = 84,7% - 95,4%), não havendo diferença estatisticamente significativa entre as duas escolas (100% na particular vs. 92,1% na pública). A estimativa de não público entre alunos do 1º ano do ensino médio foi de 8,7 % (IC95%=4,6-15,6).

2.5.3 Comparação entre as escolas pública e privada

Para verificar a existência de associação entre o público visitante de museu e o tipo de escola foram realizadas comparações entre as escolas em relação a ter ou não visitado museu em 2016 (ano da pesquisa).

Apesar de não haver diferença estatisticamente significativa entre as escolas na proporção de alunos que já visitaram museus alguma vez na vida, os alunos da escola particular apresentaram maior assiduidade aos museus em 2016 (59%) quando comparados aos da escola pública (24%) ($p=0,055$).

A tabela 2 apresenta a comparação dos indicadores indiretos de capital cultural entre os alunos das duas escolas. Estão representadas apenas as variáveis que apresentaram diferenças significativas entre escolas ($p \leq 0,05$).

A maioria dos alunos (75%) relata ter visitado o museu com a escola, sem diferença significativa entre as duas instituições; porém, a proporção de alunos que visitou museus com pais e responsáveis foi bem mais alta na escola particular (83,3% vs. 29,4%) ($p < 0,0001$).

Entre os participantes, 41 (39,4%) relataram que já tiveram vontade de entrar em um museu e não o fizeram. Os principais motivos foram falta de tempo (58,5%), falta de dinheiro (17,1%) e insegurança (7,3%). Apenas o motivo “falta de tempo” foi mais frequente na escola particular ($p=0,017$).

Tanto a frequência ao cinema e o hábito de leitura são maiores entre os estudantes da escola privada: 87,5% foram três ou mais vezes ao cinema, comparados à 58,1% da escola pública ($p=0,010$); 63,7% leram de 4 a 5 livros em 2016, comparados a 33,3% na pública ($p=0,018$).

Foram usadas duas perguntas para avaliar a competência do aluno para reconhecer e associar obras de arte e artistas. Apresentada uma foto da obra “Abaporu” e o nome de cinco artistas, 80 alunos (76,9%) selecionaram Tarsila do Amaral como autora do quadro, sendo que na escola particular a proporção de acertos foi significativamente maior (96%) que na escola pública (70,9%) ($p=0,012$). Quando solicitado que identificassem o quadro pintado por Picasso, 51 (49,0%) foram capazes de reconhecer “Guernica” entre cinco obras de outros artistas, sendo o percentual de acerto também maior na escola particular (84% comparado à 38% na escola pública) ($p<0,0001$).

Tabela 2. Indicadores indiretos de capital cultural herdado: comparação entre as escolas.

Característica	N ° (%) (n=104)	Escola Particular (n=25)	Escola Pública (n=79)	Valor de P
Indicadores indiretos de Capital cultural herdado				
Visitou algum museu em 2016				
Sim	37 (41,6)	13 (59,1)	24 (35,8)	0,055
Não	52 (58,4)	9 (40,9)	43 (64,2)	
Já foi ao museu com pais ou responsáveis?				
Sim	40 (43,5)	20 (83,3)	20 (29,4)	<0,0001
Não	52 (56,5)	4 (16,7)	48 (70,6)	

Fatores que dificultam a ida ao museu: Falta de tempo

Sim	58 (59,8)	20 (80,0)	38 (52,8)	0,017
Não	39 (40,2)	5 (20,0)	34 (47,2)	

Quantas vezes foi ao cinema em 2016

3 vezes ou mais	57 (66,3)	21 (87,5)	36 (58,1)	0,010
1 a 2 vezes	29 (33,7)	3 (12,5)	26 (41,9)	

Quantos livros leu em 2016

5 ou mais	29 (29,9)	8 (36,4)	21 (28,0)	0,018³
4	10 (10,3)	6 (27,3)	4 (5,3)	
3	21 (21,7)	3 (13,6)	18 (24,0)	
1 a 2	32 (42,6)	5 (22,7)	37 (38,1)	

Quem pintou o quadro “Abaporu”?

Tarsila do Amaral	80 (76,9)	24 (96,0)	56 (70,9)	0,012³
Não soube responder	24 (23,1)	1 (4,0)	23 (29,1)	

Qual obra foi pintada por Picasso?

Guernica	51 (49,0)	21 (84,0)	30 (38,0)	> 0,0001
Não soube responder	53 (51,0)	4 (16,0)	49 (62,0)	

¹ Excluídos os *missing*

² Em uma escala de 1 a 5, quanto gostou?

³ *Teste exato de Fisher*

Os museus visitados mais citados pelos alunos foram “Museu de História Natural – PUC” (23,4%), “Museu de Arte da Pampulha” (20,3%), “Museu de Morfologia da UFMG” (10,9%) e “Museu de Artes e Ofícios” (9,4%). Não foi encontrada diferença entre as escolas em relação ao tipo de museu citado.

De modo geral, a proporção de alunos que relatou ter ido ao teatro em 2016 (23,8%) é bem mais baixa do que a dos que foram ao cinema (86,0%) ou a museus (41,6%), sem diferença significativa entre as escolas.

Não foi observada associação entre os indicadores de capital objetivado ou institucionalizado e o hábito de visitar museus.

2.5.4 Comparação entre visitantes e não visitantes de museus

A comparação entre visitantes e não visitantes de museus em relação às variáveis demográficas demonstrou não existir associação entre ter visitado algum museu em 2016 e gênero, idade ou cor da pele ($p > 0,05$).

Na Tabela 3 são apresentadas as comparações entre visitantes e não visitantes de museus e os indicadores de capital cultural, para aquelas variáveis que se mostraram associadas a um tipo de escola.

Tabela 3. Comparação entre visitantes e não visitantes de museus em 2016: indicadores indiretos de capital cultural herdado.

Característica	N ° (%) (n=89)	Visitou (n=37)	Não visitou (n=52)	Valor de p
Foi ao teatro em 2016				
Sim	20 (23,0)	15 (41,7)	5 (9,8)	0,001
Não	67 (77,0)	21 (58,3)	46 (90,2)	
Quantas vezes foi ao cinema em 2016				
3 vezes ou mais	49 (68,1)	25 (80,7)	24 (58,5)	0,046
Até 2 vezes	23 (31,9)	6 (19,4)	17 (41,5)	
Quantos livros leu em 2016				
5 ou mais	27 (32,5)	17 (48,6)	10 (20,8)	0,013¹
4	7 (8,4)	3 (8,5)	4 (8,3)	
3	17 (20,5)	8 (22,9)	9 (18,8)	
1 ou 2	32 (38,6)	7 (20,0)	25 (52,1)	

Já foi ao museu com pais ou responsáveis?²

Sim	37 (43,0)	22 (62,9)	15 (29,4)	0,002
Não	49 (57,0)	13 (37,1)	36 (70,6)	

¹ Teste exato de Fisher

² Alguma vez na vida

Apesar do pequeno número de alunos que relataram ter ido ao teatro em 2016, o percentual dos que foram ao teatro foi maior (41,7%) entre os que visitaram museus do que entre os que não visitaram museus (9,8%, $p=0,001$). O relato de ter ido ao cinema três ou mais vezes em 2016 também foi maior entre os visitantes de museus (80,7%) do que entre os não visitantes (58,55) ($p=0,046$).

A maioria dos alunos que visitou pelo menos um museu em 2016 declarou que gosta de ler (55,6%), mas a característica que se mostrou significativamente associada às visitas a museus foi ter lido cinco livros ou mais do início do ano até a data da aplicação do questionário ($p=0,013$). A maioria dos que visitaram museus em 2016 relatou já ter ido a museus alguma vez na vida em companhia dos pais ou responsáveis (62,9%), enquanto que entre os que ainda não tinham visitado museu no ano da pesquisa, apenas 29,4% reportavam visitas com os pais, citando visitas anteriores com a escola, amigos ou namorados (70,6%). Entretanto, não foi observada diferença quanto ao número de visitas realizadas a museus, entre os que já haviam ido a museus em 2016 e aqueles que ainda não tinham ido.

2.5.5 Avaliação da chance de ter visitado museus em 2016

Foi calculada a estimativa da chance (*odds ratio*) de ter visitado algum museu em 2016 (análise univariada). Aquelas que apresentaram uma razão de chances significativa ($p<0,05$) foram reavaliadas no modelo multivariado, onde é feito o ajustamento das chances pelas demais variáveis (cálculo da *odds* ajustada [OR_{aj}]).

As características independentemente associadas a ter visitado museu no ano da pesquisa são apresentadas na tabela 4. Observou-se que ter ido ao teatro em 2016 aumentou em mais de cinco vezes a chance do aluno ter visitado museus ($OR_{aj}=5,3$). Alunos que relatam ter lido cinco ou mais livros no período, ou que visitaram museus em companhia dos pais ou

responsáveis tiveram cerca de três vezes mais chance de ter visitado museus em 2016 ($OR_{aj}=3,2$ e $3,1$, respectivamente).

2.5.6 Considerações sobre a pesquisa quantitativa

Comparado com dados da literatura, o público de museus entre esses escolares foi bem mais expressivo do que entre a população geral. A maioria dos alunos das escolas estudadas (75%) relatou ter visitado museus com a escola, pelo menos uma vez na vida, o que justifica a alta proporção de visitantes (público real) encontrada nessa pesquisa, acima da média brasileira¹¹, aspecto que pode estar associado à oferta cultural da cidade e à ação escolar. Quando a pergunta é feita em relação à visita a museus no ano da pesquisa, o percentual de alunos que respondem “sim” é bem menor (41%), sendo mais alto na escola particular (59% comparado a 35.8% na pública). Isso reforça a necessidade de aperfeiçoamento da proposta pedagógica das escolas públicas, incrementando as atividades fora da escola, e a necessidade de avaliar os recursos e estratégias utilizadas pelos professores para levar os alunos aos museus.

Tabela 4. Avaliação das chances de ser visitante de museu entre alunos do 1º ano do ensino médio de escola pública e privada em Belo Horizonte.

Característica	Análise univariada		Análise multivariada	
	<i>Odds ratio</i> (bruta) (IC95%)	Valor de p	<i>Odds ratio</i> (Ajustada) (IC95%)	Valor de p
Foi ao teatro em 2016				
(Sim vs. Não)	6,6 (2,1-20,5)	0,001	5,3 (1,6-18,2)	0,007
Quantos livros leu em 2016				
(5 ou mais vs. 1 a 4 livros)	3,6 (1,4-9,4)	0,009	3,2 (1,1-9,9)	0,039

¹¹ 69% dos jovens de 15 a 24 anos nunca visitaram um museu (Cazelli, 2005); 71% da população nunca esteve em exposições de pintura, escultura e outras artes em museus (SESC 2013)

Já foi ao museu com pais ou responsáveis

(Sim vs. Não)	4,1 (1,6-10,1)	0,003	3,1 (1,1-8,9)	0,036
---------------	----------------	--------------	---------------	--------------

Fonte: dados da pesquisa

Nota: *odds ratio* bruta= chance de o aluno ter visitado museu no ano da pesquisa e intervalo de confiança para essas estimativas; *odds ratio* ajustada: chance independente do efeito das demais variáveis investigadas.

As relações entre visitar museus e hábito de leitura, frequência a cinema e a teatro reforçam a relação entre as práticas culturais da população jovem, conforme já demonstrado por Cazelli (2005), quando observou que a proporção de alunos visitantes de museus era bem maior entre aqueles que frequentavam cinema, teatro, espetáculo de dança, shows, livrarias ou bibliotecas. Segundo a autora, alunos que possuíam práticas culturais cultivadas acima da média tiveram uma chance 30% maior de visitar museus (*odds ratio*=1.3) que aqueles com menor frequência às atividades culturais nos últimos 12 meses (Cazelli e Franco 2010). Em nosso estudo, a frequência ao teatro aumenta em cinco vezes a chance de um aluno ser público real de museus.

Bonamino *et al.* (2010) avaliando a influência do capital cultural no acesso de estudantes a museus, verificou que o hábito de leitura é um dos fatores associados à frequência aos museus. Segundo Machado *et al.* (2016), em uma pesquisa sobre a frequência de alunos ao Circuito Liberdade, em Belo Horizonte, os alunos mais motivados a visitar os museus foram aqueles mais interessados nas atividades escolares e aqueles que informaram frequentar e participar de atividades culturais.

Os principais fatores citados como limitantes à visita aos museus foram a distância, transporte e tempo. A distribuição desigual de equipamentos culturais (teatros, cinemas, museus) em diferentes regiões da cidade tem sido relatada por outros autores, afetando principalmente a população de baixa renda (Cazelli 2005). A distância, o valor e qualidade do transporte, entre outros fatores, podem influenciar o perfil dos visitantes de museu em relação àqueles procedentes de escolas da região Sul da cidade, área onde se concentra a maioria dos equipamentos culturais.

3- O estudo qualitativo

Baseado nos resultados encontrados no estudo quantitativo, foi realizada uma pesquisa qualitativa para compreender como a experiência vivida/ herdada ajuda a determinar o hábito de visitar museus. Os participantes (A1, A2, e A3, alunos da escola particular e A4, A5, A6 e A7, da escola pública) representavam um grupo homogêneo de estudantes que relatava ter ido ao teatro no ano da realização da pesquisa, tinham o hábito de leitura e experiência de visita a museus em companhia da família.

A pesquisa qualitativa foi realizada através de entrevista individual semiestruturada, conduzida simultaneamente por dois pesquisadores, para dar mais dinamismo e informalidade à conversa, e segundo um roteiro que abordava perguntas relacionadas às atividades culturais ou de lazer com a família, com os amigos, com a escola, atividades realizadas na infância, hábito de ir ao teatro, livros que leu e que mais gostou. Procurou-se compreender os aspectos valorizados pelos alunos que motivassem a visita aos museus e como se davam suas experiências na infância que ajudavam a determinar tais aspectos. Para compreender o significado da fala dos entrevistados, foi utilizada a análise de conteúdo, com enfoque indutivo, segundo a metodologia descrita por Silva e Fossá (2013).

3.1 Hábitos de ir ao teatro, de leitura e de frequentar museus

A leitura é uma atividade de diversão e lazer quando se está sozinho. Os alunos são capazes de citar os títulos e autores que já leram ou falar sobre o enredo do livro. São citados romances, clássicos, ficção e livros técnicos. Para uma aluna (A4), a leitura é uma atividade compartilhada com as amigas. “O livro é melhor [que teatro e museu]. A gente lê e fica trocando experiências [...] na maioria das vezes o assunto entre nós é livro, filme, essas coisas.”

O hábito de visitar museus para esses alunos é uma atividade secundária/ esporádica. A seguinte fala do aluno A1 ilustra bem esta ideia:

Quanto tá tipo de férias, só quando você tá de boa ou quando você tá em outra cidade, você quer conhecer [museu], sabe? Você vai em outra cidade e meio histórico [...] aí cê vai no museu. [...]. É aquela parada... você tá lá, ó, tem o museu, bora? Tipo, eu acho que museu é mais ao acaso. Mas livro, você pega para ler e tals [...] (A1).

Quando solicitados a citarem os museus que mais gostaram, houve uma predominância de instituições localizadas fora de Belo Horizonte. Os alunos A1 e A5 haviam feito viagens

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.7, n.2, dez. 2017.

recentes para São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, e citaram locais que visitaram nestas ocasiões. O aluno A1 citou o MASP¹² e o MAC-SP¹³, que visitou com seu irmão mais velho. A aluna A5 mencionou a exposição de Van Gogh no CCBB-RJ¹⁴, o Museu da Marinha e o Museu do Amanhã, que visitou com duas amigas. O Museu de Cera, em Gramado, foi citado por outra aluna (A2) em uma viagem com a família.

Visitar museus é também muitas vezes associado às viagens de lazer pelo interior do estado, visita às cidades históricas e contato com a natureza. "Quando a gente viaja [...] sempre visita um museu diferente" (A7); "A gente sai muito pra passear, em lugares tipo Inhotim, Jaboticatubas, Conceição do Mato Dentro, Serra do Cipó" (A3)¹⁵.

Outros atrativos citados foram as oficinas e exposições interativas que despertam maior interesse nessa faixa etária. A experiência de participar de oficina de desenho e de cerâmica foi lembrada por dois alunos (A5 e A6).

No presente estudo, quando questionados acerca de sua infância, apenas as alunas A4 e A5 detalham a lembrança de um museu que as marcou muito quando crianças, citando museus de ciências. Segundo a aluna A4:

Ele [Museu das Minas e Metais] tinha as coisas diferentes. Eu ficava fascinada. [...] tinha cristal, meteoro, essas coisas... eu ficava apaixonada com esses trens. E no de Artes e Ofícios eu fui muito lá e Lá [no museu de "Mineralogia"] as coisas eram mais interessantes. Tudo era muito bonito de olhar, impressionante. Era diferente do que eu estava acostumada. [...] Lá eram coisas mais coloridas. Tinham os metais. Eu gostava mais daquilo. Agora, no de Artes e Ofícios, eram mais as coisas assim [...] instrumentos de trabalho, e é coisa que todas as vezes que eu ia já tinha, [...] acabei enjoando, me acostumei com o lugar. (A4)

Fica evidente que as características marcantes dos museus que serão lembradas mesmo após um período prolongado, foram objetos expostos que deslumbram, que espantam, que fascinam, que são coloridos; ou seja, que estimulam o imaginário de uma criança.

3.2 O espaço 'museu' na percepção dos alunos

Quando perguntamos aos alunos se eles consideram o museu como um espaço de conhecimento ou de lazer, foi unânime a resposta "de conhecimento". Alguns (A2 e A6)

¹² Museu de Arte de São Paulo

¹³ Museu de Arte Contemporânea de São Paulo

¹⁴ Centro Cultural Banco do Brasil – Rio de Janeiro

¹⁵ Lugares de interesse turístico próximo a Belo Horizonte

foram um pouco mais além, afirmando ser de “ambos”, mas nenhum voltou sua atenção exclusivamente para o lazer. Estas relações podem ser notadas na fala da aluna A4:

[...] ao mesmo tempo em que você está em lazer, você está passeando, distraído, você está aprendendo mais. Então acho que junta os dois. É uma forma de você se distrair, cada vez aprendendo mais. Cada vez que você vai tem uma coisa diferente, uma coisa que você não viu e você quer aprender, e você empolga. Então cada vez mais você quer ir aí você vê uma coisa que você quer voltar, você quer ir em outros, é sempre assim (A4).

Mortara (2004), em seu estudo sobre o perfil dos visitantes dos Museus Paulista e de Zoologia e a pinacoteca do Estado de São Paulo, observou que o público dá um grande valor ao aspecto educacional do museu, independentemente de sua tipologia. Em sua pesquisa com o público infantil em museus e seus familiares, Studart (2005) observa que a maioria das crianças menciona ter aprendido algo após visitar uma exposição, enquanto o termo “divertido” não foi muito usado para caracterizar a visita.

Ao comparar o museu com os espetáculos teatrais, os entrevistados apresentam o teatro como uma atividade interativa e divertida, enquanto o museu é visto como um espaço menos dinâmico. É um local onde estão reunidos objetos históricos e exóticos que despertam a curiosidade dos alunos:

[O museu que mais gosto é o de Morfologia]. É porque, lá... tem uma ala lá que era só de... uns bebezinhos que ficavam em uns tubos... aí eu gostei daquela parte. (A6)

Nesse museu [Marinha-RJ] a gente podia participar de várias obras, entendeu, tinha como pegar na bola de canhão, que era muito pesada, e tudo mais. Era tipo assim, super diferente. (A5)

O museu é também um espaço de convivência com a família ou com os amigos. Uma das alunas expressa a liberdade que sente ao visitar um museu com os amigos: “A diferença é que quando você está com seus amigos a discussão é mais ampla, eu fico mais solta com meus amigos” (A3).

As visitas com a escola são vistas como pouco flexíveis, seguindo um roteiro e cronograma que devem ser cumpridos. Para o aluno A1:

[quando] você vai com os amigos você vai mais livre; com a escola você não tem tanto tempo... Se você vê uma coisa muito legal você quer parar, analisar, ver; agora, poxa cara, ‘cê’ para, vê um negócio; quando você vê sua turma tá em outro lugar, [tem] alguém te enchendo o saco... [...] Mas quando você vai com a família você para, vê, é da hora. Você vê o que você quer. (A1)

Essa ideia de falta de liberdade nas visitas escolares, comum entre os alunos, é incluída também por alguns quando abordam as visitas com seus pais, como relata a aluna A4:

Com os pais e com a escola a gente fica muito preso; eles limitam muito a gente, o que a gente pode fazer, onde a gente pode ir. Agora, quando a gente está com amigos e gente pode ir onde a gente quiser. Os pais eles prendem muito, a escola também. (A4)

Pesquisas realizadas por Mortara (2004) no Museu Biológico do Instituto Butantan, Museu Paulista e de Zoologia revelaram que “os museus históricos e de ciências são considerados espaços de interação social onde se pode aprender com familiares e amigos” (p. 282-283). Avaliando os museus de arte, Mortara (2004) e Grispum (2000) observaram que, apesar de em menor escala, museus como a pinacoteca do Estado de São Paulo e o Museu Lasar Segall, são também associados a espaço de lazer e socialização.

Cabe ressaltar a diferença relatada pelas alunas entre seu relacionamento com os pais e com um núcleo familiar expandido, como tios e primos. Quando perguntamos para a aluna A3 se visitar museus com seu tio se assemelha a visitar museus com seus pais ela relatou: “quando eu vou com a minha família eu fico assim tipo, meio tímida, mas com o tio não, com o tio é legal”. Já para a aluna A5, não há diferença entre seus primos e seus amigos.

Em nossa pesquisa, a aluna A7 é a única que declarou preferir as visitas com a escola, justificando: “[com a] escola a gente vai acompanhado de alguém mais especializado, então tipo, eu acho que a gente aprende mais. Que a gente vai mais com o objetivo e aprender ‘sobre’”. A aluna A2 também concorda que a experiência de aprendizado é maior quando se vai ao museu com a escola, porém, diz que “pela companhia, eu prefiro com os pais, [...] ia passar mais tempo com eles e tal”.

O que esses alunos parecem dizer é que as relações mais fluidas entre tios, primos e amigos propiciam além de um maior divertimento, uma maior interação com os museus, permitindo deter-se nos objetos que mais lhes atraem e no tempo que eles mesmo determinam. A visita com a escola é vista mais como uma tarefa a ser cumprida.

3.3 Fatores que dificultam a ida a museus

Apesar dos resultados da pesquisa quantitativa não mostrarem a distância dos museus como um fator limitante ao hábito de visitar museus, esta questão aparece espontaneamente na entrevista qualitativa. “É porque... eu não gosto muito de ir nesses museus muito longe,

porque... voltar [pausa] fica difícil” (A6). Quando perguntada se prefere ir ao museu ou assistir uma peça de teatro, a aluna A5 diz que avalia o custo e as facilidades: Depende da oportunidade, se paga ou se não paga...no que for de graça [vou] primeiro... depende de onde eu estou, qual é o mais perto (A5).

Note-se que o Museu da Pampulha (MAP) foi citado por todos os entrevistados. Uma das justificativas para isso, poderia ser a proximidade e facilidade de acesso, pois todos os alunos entrevistados residem em bairros próximos a este museu. Nota-se que a dificuldade de acesso é justificativa corrente para não visitas as museus (IBRAM 2012).

3.4 *Motivação para participar de atividades culturais*

Bourdieu, em sua pesquisa sobre museus de arte na Europa, questiona o gosto inato do público para acesso aos museus, demonstrando que as necessidades culturais não dependem de um dom natural do indivíduo, mas sim de oportunidades de acesso à educação ou à cultura (Bourdieu e Darbel, 2016).

Em nosso estudo, uma das alunas (A5) enfatiza que a visita a museus e atividades culturais depende de iniciativa pessoal, que “depende da pessoa querer”. Seu relato, entretanto, exemplifica como seus pais, mesmo cansados e com pouco tempo disponível, tentavam incentivá-la, favorecendo sua integração e participação em atividades tidas como "cultas":

A minha mãe nunca gostou muito de participar, de ir comigo, porque... ela tentava, mas ela sempre chegava nos lugares e dormia. O meu pai foi o que mais me levou. [...] eles ficavam sempre cansados, né.

Mas, a minha mãe... ela fazia de tudo, [...] ela sempre adorou ler revistas, ela tentava colocar isso para a gente. Dava à gente o melhor, né. *Carta Capital, Piauí*,¹⁶ esse tipo de revista. Eu não gosto muito de *Veja*.

Fica claro o papel da família na transmissão do capital cultural e a importância de oportunidades de acesso para o desenvolvimento de habilidades e manutenção do interesse por atividades culturais.

O caso de um dos alunos (A6) ilustra a diferença entre “oportunidade” e “interesse”. A6 não conhece o pai. A mãe, diarista, estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Lê muito e demonstra gostar muito de um museu específico – o de Ciências Morfológicas. “Então, é que a minha mãe não tinha muitas oportunidades de sair [...] ela trabalhava muito na época... mas

¹⁶ Revistas consideradas mais críticas que a revista “Veja”

quando a gente tinha oportunidade de sair ia ao parque ecológico” (A6). Diz se lembrar que a mãe lia muito para ele, antes de dormir. Relata poucas atividades de lazer atualmente, geralmente idas ao Shopping e às vezes ao cinema. Mas relata que frequenta o espaço cultural¹⁷ e cita os passeios no Museu da Pampulha (MAP) ou seus arredores. Apesar de relatar que não frequentava museus na infância e ter poucas oportunidades de sair, foi o aluno que demonstrou a melhor leitura do significado de um museu. Ao reconhecer o museu como um espaço de conhecimento, explica: “porque ali você vê o que aconteceu antes, [...] e o que pode acontecer... você aprende mais”.

4- Considerações finais

A análise dos relatos dos alunos do primeiro ano do ensino médio de duas escolas em Belo Horizonte, permitiu verificar que o interesse por visitar museus está associado à incorporação do capital cultural herdado, seja através da motivação na infância para a leitura e o lazer, a participação em atividades culturais e a convivência com a família, além da ação escolar. Os alunos valorizam o esforço dos pais na sua educação e parecem sentir-se confortáveis com a companhia destes nas atividades culturais, sejam estas o cinema, o shopping ou visitas a museus. A motivação individual de alunos da escola pública e privada foi a mesma: o encontro com o diferente, com possibilidades de aprendizado e de convivência.

Estes resultados são consoantes com a hipótese de BOURDIEU e DARBEL (2016) de que as práticas culturais seriam produto do capital cultural herdado, ou seja, seriam influenciadas pelos hábitos desenvolvidos na família, além da educação formal nas escolas. Os resultados também confirmam as observações de Bourdieu quando afirma que as experiências de visitar um museu com a escola e a família são diferentes.

A análise quantitativa permitiu estabelecer as características do público escolar de museus e avaliar a força de cada fator na motivação para frequentá-los, enquanto a análise qualitativa permitiu uma maior reflexão sobre esses fatores.

Uma das limitações do estudo foi não ter obtido respostas suficientes para análise da renda familiar, escolaridade dos pais e indicadores econômicos da família. Outra limitação foi ter abordado apenas os alunos do primeiro ano do ensino médio em apenas duas escolas,

¹⁷ Não fica claro, mas nesta fala o aluno parece se referir ao Centro Cultural Pampulha, um espaço que conta com biblioteca, sala de projeção, auditório, cozinha, jardins e área para apresentações artísticas e outras atividades.

portanto, o público geral de estudantes secundaristas não foi totalmente representado. A participação na etapa qualitativa foi condicionada a disponibilidade dos alunos em saírem da sala de aula para as entrevistas, o que pode ter influenciado na validade externa dos resultados pois não foi possível garantir a diversidade de perfis amostrados. Estudos mais abrangentes e mais detalhados devem ser realizados com o “não público” para esclarecer as experiências e limitações de estudantes com pequeno capital cultural e sua chance de acesso às instituições culturais no Brasil.

Espera-se que os resultados possam servir como base para estudos com amostras mais abrangentes, contribuindo para o esclarecimento de questões relacionadas ao público de museus em nossa realidade.

REFERÊNCIAS

BONAMINO, Alicia; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso; CAZELLI, Sibelle. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação.**, v.15, n. 45, 2010. Disponível em <www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/07.pdf>. Acesso em 12 Mar. 2018.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.** [1969] Tradução de Guilherme João de Freitas Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2016, 214 p.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. [1979] In: CATANI, M. A.; CATANI, A. (Orgs). **Escritos de Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ª edição. pp. 71-79.

CAZELLI, Sibebe. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

CAZELLI, Sibelle; FRANCO, Creso. **Os efeitos das diferentes formas de capital nas chances de acesso de jovens a museus ou instituições culturais afins.** 2010. Disponível em <www.redpop.org/wp-content/uploads/2015/06/sibellecazelli.doc>. Acesso em 12 Mar. 2018.

HOSMER, David W.; LEMESHOW, Stanley. **Applied Logistic Regression. Wiley Series in Probability and Statistics.** 3 ed. New York: A Wiley-Interscience Publication. Joh Wiley & Sons, Inc, 2013.

IBGE. 2009. Disponível em <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/gilberto-dimenstein/2009/07/23/MAIS-DE-90-DOS-BRASILEIROS-NUNCA-ENTRARAM-EM-UM-MUSEU.htm>>. Acesso em 12 Mar. 2018.

IBRAM. O “não público” dos museus: levantamento estatístico sobre o “não-ir” a museus no Distrito Federal. Relatório Final da Pesquisa. Brasília: Coordenação de Pesquisa e

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.7, n.2, dez. 2017.

Inovação Museal (CPIM) do Departamento de Processos Museais (DEPMUS) do IBRAM., 2012.

MACHADO, Ana Flávia; PAGLIOTO, Bárbara Freitas; CUNHA, Maria Helena. O acesso de alunos de escolas públicas ao Circuito Liberdade: análise de um projeto piloto. **Educação em Revista**, v.32, n.3, 2016, pp.317-347.

MORTARA, Adriana Almeida. Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. 12, 2004, pp.269-306.

SESC. Públicos de Cultura. Pesquisa realizada pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) e Fundação Perseu Abramo. 2013. Disponível em <http://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura/sintese/>. Acesso em 12 Mar. 2018.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4., 2013. **Anais...** ENANPAD, Brasília, DF, 2013.

STUDART, Denise C. Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v. 12 (supl.), 2005, pp.55-77. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702005000400004&script=sci_arttext>. Acesso em 12 Mar.2018.

VIEIRA, Sônia. **Bioestatística Tópicos Avançados**. 3ed. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2011, 288 p.